

Crônica de uma graduanda absolutamente mediana

Sayara de Medeiros Xavier

06

Ainda é difícil crer que esse é o fim da minha aventura na graduação. Foram vários semestres aguardando ansiosamente a chegada dos estágios, que ficam reservados para o final do curso (a não ser que você seja um dos corajosos a adiantar etapas). Fiz o primeiro estágio no fim de 2019, pronta para voltar ao ambiente escolar pela primeira vez alguns anos, dessa vez no papel de professora, não de aluna. Uma novidade muito animadora, e apesar de ser um estágio apenas de observação, eu gostei dos momentos em que pude participar. Naquela disciplina, o professor pediu que nós fizéssemos alguma atividade prática com os alunos. Com brilho nos olhos, fiz uma atividade em que eu entrevistei vários deles, e através dela pude conhecê-los melhor. Eu fui uma novidade tão diferente naquela escola que os alunos fizeram uma fila de curiosos pra saber o que afinal estava sendo perguntado naquela entrevista. Nos dias seguintes, os alunos já me reconheciam nos corredores. Uma aluna me pediu pra ler um poema que ela havia feito. Era um clássico do gênero que eu gosto de chamar de “sofrência adolescente”: rimava, tinha coração, sentimento. Outro dia fui pra escola na véspera do meu aniversário, e os alunos calorosamente me surpreenderam na sala de aula — com uma velinha pra eu assoprar — e cantaram parabéns pra mim. Eu sei que aquilo no fundo também serviu para que eles tivessem uma folguinha da aula, mas quem sou eu pra julgá-los? Tenho certeza de que já fiz algo parecido. No meu último dia de presença na escola, foi um dia de apresentação teatral que as turmas vinham preparando desde os bimestres passados. Assisti a duas, bastante interessantes. Os alunos encontraram seu jeitinho de fazer os figurinos improvisados e as peças apresentavam críticas sociais complexas ao consumismo exacerbado e à violência. Me despedi da sala dos professores pequena e enfurnada de materiais de trabalho com a promessa de voltar no ano seguinte para o meu segundo estágio — o estágio dos projetos, o momento de finalmente botar a mão na massa.

O ano seguinte, porém, não foi um ano... Passei 30 minutos tentando encontrar um adjetivo que possa fazer jus ao que passamos, mas acho que mesmo historiadores, sociólogos, médicos, cientistas de todas as áreas terão anos de trabalho pela frente para simplesmente encontrar as palavras certas para o que aconteceu (e ainda está acontecendo). Então posso falar do que aconteceu na minha esfera pessoal, aquela na qual eu costumava ter um pouco de controle sobre o que acontecia. Eu e minha turma da faculdade tivemos aula até o dia 16 de março, quando foi decretado que as aulas precisariam ser canceladas. Tive aula do estágio II com a minha turma até alguma quarta-feira, a última antes de a UFRN paralisar suas atividades por motivo de força maior e por tempo indeterminado. Nessa noite eu precisei sair mais cedo da aula pra ajudar minha namorada com alguma coisa que já nem lembro mais o que era. Saímos sem saber que aquela seria a última vez que teríamos aula como a que conhecíamos. Quando chegamos em casa, me distraí ao sair do carro e fechei a porta no meu dedo, o que resultou em uma unha estilhaçada, muito sangue e uma ida ao pronto-socorro. Poucos dias depois disso, foi o 16 de março, o dia da parada total das aulas. No começo foi assustador. Depois também foi assustador, mas um assustador que consegui me acostumar e com o qual convivo agora como um membro da família chato que sempre vem visitar.

Desde aquele março, o tempo foi passando estranho, as duas semanas de paralisação esperadas viraram meses e, quando me dei conta, minha unha estilhaçada tinha crescido de volta e a UFRN lançou a ideia de um período experimental de aulas por videochamada. Isso me pareceu absurdo. Como não houve oferta de estágio, não participei dele. A oferta de estágio só viria no ano seguinte, quando já não achava mais tão absurdo ter aulas sem sair de casa. Na verdade, eu não diria que o estágio foi ofertado, pois a minha turma teve que pelejar para que a coordenação oferecesse a disciplina pra gente. Foi quase um mês de bate e volta de e-mails entre os meus colegas e os servidores do Departamento de Letras, até que matricularam todos que estavam na disciplina interrompida em 2020 numa nova disciplina em 2021. Eu estava num momento meio conturbado demais para pensar em estagiar. Além disso, quis pensar que as aulas voltariam a acontecer normalmente ainda em algum momento daquele ano, tanto as nossas como as das escolas municipais e estaduais, e assim eu poderia estagiar normalmente. Hoje percebo minha ingenuidade, mas naquela época (que parece fazer tanto e tão pouco tempo ao mesmo tempo), ninguém tinha como saber quando o tal do motivo de força maior iria dar finalmente uma trégua. Então deixei para fazer o estágio II no semestre seguinte, já resignada com a situação, mas ainda esperançosa de alguma forma o meu atraso deliberado ter valido a pena, e eu poder fazer os estágios III e IV como eu queria, como deveria ser.

O estágio II foi esquisito, como eu imaginei. Participei, junto com algumas colegas que aparentavam ainda ter brilho nos olhos (o meu já tinha se ido há algum tempo), de um clube de leitura online, numa escola de Parnamirim. Infelizmente perdi os contatos com a escola onde fiz o primeiro estágio, então fui com o que as minhas colegas já tinham em mãos. Fazíamos reuniões por videochamada toda sexta-feira e nos revezávamos para ler algum texto literário para os alunos e fomentar discussões com eles sobre o que líamos. A ideia era ótima e algumas reuniões renderam bastante, mas a experiência sempre parecia rasa demais, sempre com uma distância, frieza que eu sei que alunos de sexto ano geralmente não têm. Foi frustrante, mas pude aprender como fazer algo do tipo, para situações educacionais não convencionais. Pensei que iria ser pior, mas foi uma tranquilidade. Pensei: “ao menos semestre que vem vai ser diferente”.

E foi. No último semestre da minha graduação, estava esperançosa, pois soube que as escolas estaduais e municipais voltariam a ter aulas nas salas de aula. Antes mesmo que os estágios começassem, fui à escola próxima aqui da minha casa para conversar com os professores e ver qual era a situação. Não era boa, mas os professores estavam fazendo o possível, assim como todo mundo. Infelizmente o colegiado de Letras, levando em conta as diretrizes universitárias que regulam os estágios nesses semestres remotos, desaconselhou totalmente que fôssemos a campo para poder realizar o estágio, apesar de muitas escolas já estarem a plenos vapores. Por isso, tivemos todos que fazer um estágio onde acompanhávamos as turmas e o trabalho do professor na escola tudo à distância. Fiquei desolada durante alguns dias. Foi muito frustrante não poder ir ter as vivências em sala de aula, sabendo que aquilo já estava se desenrolando. Essa situação,

além de frustrante, era totalmente nova, então eu nem tinha como pedir ajuda de colegas mais experientes para saber como fazer nada. Aliás, nem colegas eu sentia mais que tinha: minha turma, que não atrasou nenhum estágio, se formou um semestre antes de mim. Inclusive, colaram grau no dia do meu aniversário. Nesse dia lembrei da comemoração singela de aniversário que tive na escola onde fiz meu primeiro estágio. Foi uma sensação estranha, não muito diferente de todas as sensações estranhas que venho sentindo desde março de 2020. Sem os meus colegas da turma original, fiquei numa turma com desconhecidos. Essa situação deixou ainda mais difícil fazer trabalhos com quem eu nunca tinha criado vínculo. Acabei por, depois de alguns atritos, fazer o trabalho todo sozinha. Fiz um plano de aula, que não apliquei. E esse foi o meu trabalho para o estágio IV. No estágio III, eu ainda consegui elaborar uma atividade de revisão para os alunos do oitavo ano. Era um material bem completo, que revisava os conteúdos do ano inteiro. Me senti útil, mas só até um certo ponto. É constrangedor para mim escrever sobre isso, mas não tenho mais do que falar. Meus colegas parecem ter feito mais do que eu, e na realidade nem sei como. Os estágios passaram como um flash na minha vida. Desde a paralisação das aulas da UFRN e de muitas outras atividades humanas há quase dois anos atrás (dois anos????), nada parece muito real.

Me sinto às vezes sendo uma espectadora da minha própria vida, apenas esperando as coisas passarem, esperando um momento de trégua da praga moderna que nos molesta. Me senti uma espectadora nos últimos semestres da faculdade. E não há mais nada que possa ser feito a respeito disso. Vou terminar minha graduação numa quarta-feira qualquer, sem cerimônia, despedidas, confraternização, festa. Sem sentir que eu tenho experiência em sala de aula suficiente para dar aulas frente a frente com os alunos. Algum dia apenas vou receber o e-mail confirmando que estou apta a colar grau.

No fim das contas, fico feliz que concluo meu curso, e sinto que, apesar de todas as tribulações, consegui aproveitar ao máximo o que me foi dado dentro da circunstância. Acima de tudo, torço para que os próximos formandos não tenham que se sujeitar a condições de estudo como as que passei, e que possam estagiar com todas as oportunidades que essa atividade possa oferecer.